



Sinais de cena 5

APCT | Associação Portuguesa de Críticos de Teatro | Junho de 2006

Sinais de cena 5

Junho de 2006





Sinais de cena

N.º 5, Junho de 2006

Propriedade	APCT (Associação Portuguesa de Críticos de Teatro), em colaboração com o CET (Centro de Estudos de Teatro da Universidade de Lisboa)
Direcção	Maria Helena Seródio
Conselho Redactorial	Fernando Matos Oliveira, Mónica Guerreiro, Paulo Eduardo Carvalho, Rui Cintra, Rui Pina Coelho e Sebastiana Fadda
Conselho Consultivo	Carlos Porto, Christine Zurbach, Georges Banu, Ian Herbert, José Oliveira Barata, Juan António Hormigón, Luiz Francisco Rebello, Maria João Brilhante, Michel Vais, Nikolai Pesoschinsky
Colaboraram neste número	Ana de Carvalho, Catarina Maia, Christine Zurbach, Francesca Rayner, Francesc Massip, Guillermo Heras, Isabel Pinto Carlos, João Carneiro, Luís Dias Martins, Luiz Francisco Rebello, Maria Helena Seródio, Marta Brites Rosa, Neus Lagunas, Patrice Pavis, Paulo Eduardo Carvalho, Pedro Manuel, Rui Aires Augusto, Rui Pina Coelho, Sebastiana Fadda, Teresa Amado, Tiago Bartolomeu Costa
	Os artigos publicados são da responsabilidade dos seus autores
Concepção gráfica	Fusellog - Gabinete de Design, Lda. fusellog@mail.telepac.pt
Direcção, Redacção e Assinaturas	APCT - Associação Portuguesa de Críticos de Teatro Av. Duque de Loulé, 31 1069 - 153 Lisboa geral@apcteatro.org www.apcteatro.org CET - Centro de Estudos de Teatro Faculdade de Letras de Lisboa: sala 67 Alameda da Universidade 1600 - 214 Lisboa Tel. Fax: [351] 21 792 00 86 estudos.teatro@fl.ul.pt www.fl.ul.pt/centro-estudos-teatro.htm
Edição	Campo das Letras - Editores, S.A., 2006 Rua D. Manuel II, 33 - 5º 4050 - 345 Porto Tel.: [351] 22 608 08 70 Fax: [351] 22 608 08 80 campo.letras@mail.telepac.pt www.campo-letras.pt
Impressão	Rainho e Neves
Periodicidade	Semestral
Preço	12,00 €
Depósito Legal	216923/04
Tiragem	1000 exemplares
ISSN	1646-0715
Apoios	

Índice

Este número

sete	Intermitências da razão	Maria Helena Serôdio
------	-------------------------	----------------------

Dossiê temático

nove	O(s) Prémio(s) da Crítica 2005	Paulo Eduardo Carvalho
onze	<i>Um homem é um homem</i> : Brecht pela mão de Luís Miguel Cintra	Maria Helena Serôdio
catorze	<i>UBUs</i> : Feira animada	Paulo Eduardo Carvalho
dezassete	Miguel Castro Caldas: Irónica leveza e poesia discreta	Sebastiana Fadda
vinte	<i>Serviço d'amores</i> , ou a continuada reinvenção de Vicente	Maria Helena Serôdio
vinte e três	Fantasmas: <i>Luz na cidade</i>	João Carneiro

Portefólio

vinte e cinco	Samuel Beckett em Portugal Imagens roubadas ao tempo:1959-2006	Sebastiana Fadda Rui Pina Coelho
---------------	---	-------------------------------------

Na primeira pessoa

quarenta e um	Fernanda Lapa: Modulações e intensidades de um teatro no feminino	Maria Helena Serôdio Sebastiana Fadda
---------------	---	--

Em rede

cinquenta e seis	O ciclo infinito de Matthew Barney	Catarina Maia
------------------	------------------------------------	---------------

Estudos aplicados

cinquenta e nove	Samuel Beckett: O drama da escrita, a voz do teatro	Luís Dias Martins
sessenta e três	Fernando Amado: Um teatro de interrogações e experiências	Teresa Amado
sessenta e oito	Na morte da ovelha Dolly: <i>Requiem</i> pelos rescaldos de um teatro "clónico"	Guillermo Heras

Notícias de fora		
setenta e um	Harold Pinter: X Prémio Europa para o Teatro	Paulo Eduardo Carvalho
setenta e seis	Teatro latino em Nova Iorque	Francesc Massip
setenta e oito	Quando somos maiores do que a cadeira onde nos sentamos: Artes para a Juventude, em Montréal	Tiago Bartolomeu Costa
oitenta e um	O teatro coreano: Impressões de um ocidental em Seul	Patrice Pavis
Passos em volta		
oitenta e cinco	Na companhia dos clássicos e dos modernos: O Teatro da Rainha	Christine Zurbach
oitenta e oito	<i>Memento mori: Salário dos poetas</i>	Pedro Manuel
noventa e dois	Da vontade de te escrever: <i>Philatélie</i>	Tiago Bartolomeu Costa
noventa e cinco	Como <i>sobreviver</i> : O último segredo de Lúcia	Rui Pina Coelho
noventa e nove	Êxtases e martírios: <i>Plasticina / Mãos mortas</i>	Paulo Eduardo Carvalho
cento e quatro	O teatro experiencial de Mark Ravenhill: <i>Product</i>	Francesca Rayner
Leituras		
cento e sete	Baralha e volta a dar: <i>O espelho do Narciso gordo</i> , de André Murraças	Rui Aires Augusto
cento e nove	As boas intenções e os maus resultados: <i>Literatura portuguesa no mundo</i> , de Célia Vieira e Isabel Rio Novo	Luiz Francisco Rebello
cento e doze	Na combustão das imagens: <i>A imagem do teatro. Iconografia do teatro de Gil Vicente</i> , de João Nuno Sales Machado	Isabel Pinto Carlos
cento e quinze	A caricatura entre o palco da vida e o teatro em cena: <i>O teatro n' A paródia de Rafael Bordalo Pinheiro</i> , de Maria Virgílio Cambraia Lopes	Maria Helena Serôdio
cento e dezassete	Publicações de teatro em 2005	Sebastiana Fadda
Arquivo solto		
cento e vinte e três	Raúl Solnado no Teatro Villaret: 1965-1974	Ana de Carvalho

Miguel Castro Caldas

Irónica leveza e poesia discreta

Sebastiana Fadda



<
É bom boiar na banheira,
de Miguel Castro Caldas,
enc. Bruno Bravo,
Primeiros Sintomas /
Chapitô, 2005
(Tiago Viegas),
fot. Chapitô.

Conto de Natal,
de Miguel Castro Caldas,
enc. Bruno Bravo,
Primeiros Sintomas,
2004 (Sandra Faleiro),
fot. João Lopes.

>

Escrevemos na "nota para a imprensa" que a atribuição de uma Menção Especial ao dramaturgo Miguel Castro Caldas se justificava pelo facto de vir revelando um singular labor de escrita que brinca ironicamente com as palavras num jogo subtil entre a desmistificação de lugares comuns e o encantamento poético. Dele se encenaram em 2005 *Nunca-terra em vez de Peter Pan* (co-produção Primeiros Sintomas e Culturgest), *É bom boiar na banheira* (co-produção Primeiros Sintomas e Chapitô) e a ele se deveu ainda a co-tradução de *A fábrica de nada*, da holandesa Judith Herzberg, que os Artistas Unidos levaram à cena também em 2005 numa co-produção com a Culturgest.

Por ocasião dos encontros para o projecto *Descobridores do teatro português... 2004*, organizado pelo Atelier Européen de la Traduction de Orléans em parceria com os Artistas Unidos e que decorreu no Teatro Taborda há dois anos, Miguel Castro Caldas falou de si próprio como de um "aprendiz da escrita". Referia-se aos dois livros de narrativa publicados até então, ou seja *Queres crescer e depois não cabes na banheira* e *As sete ilhas de Lisboa*. Quanto à bibliografia teatral, na altura constava de dois títulos: *A montanha também quem* e *O homem do pé direito*, ambas de 2003, a primeira ainda hoje inédita e a segunda editada com *O homem da picareta*, de 2004.

Em relação à dramaturgia, ainda no evento lembrado, o jovem autor autodefinia-se como um caso especial, pois a sua ligação com o palco devia-se a uma colaboração intensa e exclusiva com Bruno Bravo e o grupo Primeiros Sintomas. Acrescentou, ainda, sentir-se intimidado pelos mitos e símbolos que normalmente atraem os outros escritores (esclarecendo recentemente que isso é verdade na medida em que os mitos e os símbolos são tidos como absolutos). Mas assumiu, isso sim e sem reservas, a fascinação por uma série reduzida de elementos e de recursos estilísticos que vão do gosto pelo surrealismo e pela paródia à pequena filosofia do quotidiano, autosituando-se mais em geral no âmbito da filosofia e do paradoxo.

E é um quotidiano não isento de rasgos grotescos que caracteriza as peças *O homem do pé direito*¹ e *O homem da picareta*². Os dois textos não excluem um sentido poético peculiar, derivado mais das situações evocadas pelas palavras do que do seu potencial rítmico e sonoro. Nem faltam referências culturais de origem culta, popular ou fantástica: as citações do *Romanceiro popular português* por exemplo, mas também as alusões à fábula de Hansel e Gretel, para se censurar a miséria geradora do cinismo e da entrega das crianças a si próprias; ou a convocação de Fialho de Almeida e Pinheiro Chagas, bem como dos homens comuns,

¹ Estreada em Outubro de 2003 na Associação Cultural Abril em Maio.

² Estreada em Setembro de 2004 no Espaço Karnart.

>

*A montanha
também quem,*

de Miguel Castro Caldas,
enc. Bruno Bravo,
Primeiros Sintomas,
2003 (Raquel Dias),
fot. Tiago Rosário.



>

Conto de Natal,
de Miguel Castro Caldas,
enc. Bruno Bravo,
Primeiros Sintomas, 2004
(Raquel Dias,
Filomena Oliveira,
Sandra Faleiro
e Peter Michael),
fot. João Lopes.



>

Conto de Natal,
de Miguel Castro Caldas,
enc. Bruno Bravo,
Primeiros Sintomas, 2004
(Filomena Oliveira,
Sandra Faleiro
e Ana Brandão),
fot. João Lopes.



para se criticar a degradação do património imobiliário português. Essas duas peças configuram-se, ainda, como textos interpelativos, onde um espaço importante, mesmo que diluído no registo lúdico dos jogos de palavras, das metáteses ou do grotesco, é ocupado pelas constantes interrogações, sejam elas sobre a identidade, escorregadia e incerta, ou sobre o valor da escrita e da linguagem, duvidoso quanto baste.

Nessa linha do paradoxo poético e do desassossego temático inscrevem-se também as peças levadas à cena respectivamente em Setembro e Dezembro de 2005: *Nunca-terra em vez de Peter Pan*, e baseada numa possível continuação da aventura de Peter Pan, e *É bom boiar na banheira*, mais abertamente destinada a um público infantil, ambas encenadas por Bruno Bravo. Foi-se assim cimentando aquela relação artística e pessoal que determinou o ingresso e vem suscitando a permanência de Miguel Castro Caldas na escrita dramática, permitindo-lhe desenvolver um discurso singular e uma significativa experiência directa com a cena, não desdenhando a prática da intertextualidade entre produção narrativa e dramatúrgica.

Importa, também, não esquecer mais uma frutífera colaboração do autor em 2005, com os Artistas Unidos desta vez, e em veste de adaptador da tradução de David

Bracke da peça musical *A fábrica de nada*, de Judith Herzberg³.

Nunca-terra em vez de Peter Pan é um texto divertido, bem disposto e faz dos trocadilhos, dos jogos de palavras, das assonâncias e do valor musical da palavra um dos seus pontos de força. Quanto ao tema, gira em torno das dificuldades ligadas ao crescimento do corpo, ao abandono da infância e à entrada na idade adulta. Na cena os actores tiveram desempenhos muito equilibrados. A parte musical tinha grande relevo e por vezes surgia em consonância com uma linguagem em que abundava um *nonsense* pertinente, não gratuito e que, antes pelo contrário, acrescentava coerência ao tom geral da peça. A cenografia, os figurinos e os adereços foram escolhidos com cuidado e eram muito coloridos, sugerindo um universo a meio caminho entre a banda desenhada e a ilustração de livros para infância.

É bom boiar na banheira reitera certos tropismos típicos do universo do autor: trocadilhos, jogos de palavras, assonâncias e musicalidade da palavra. O assunto principal configura-se como uma glosa do tema tratado no espectáculo anterior, ou seja, a dificuldade de crescer. Quanto às personagens que deram vida à acção cénica, vinham do imaginário infantil mais tradicional: uma bailarina, um soldadinho de chumbo e uma boneca de trapos. E foi no sentido assumidamente mais tradicional que os actores

³ Estreada em Novembro de 2005 com encenação de Jorge Silva Melo, numa co-produção Culturgest / Artistas Unidos e em princípio destinada – mas não em exclusivo – a um público infanto-juvenil.



<
É bom boiar na banheira,
de Miguel Castro Caldas,
enc. Bruno Bravo,
Primeiros Sintomas /
Chapitô, 2005
(Gina Tocchetto
e Nádia Santos),
fot. Chapitô.



<
*Nunca-terra em vez de
Peter Pan*,
de Miguel Castro Caldas,
enc. Bruno Bravo,
Primeiros Sintomas /
Culturgest
(Sandra Faleiro),
fot. Folha.

desempenharam os seus papéis, tendo movimentos quase mecânicos a bailarina (ligada aos sons dos carilhões) e o soldadinho de chumbo (ligado às marchas militares), mais soltos a boneca de trapos (sendo mole e feita de materiais de recuperação), num dispositivo cénico que lembrava vagamente as caixas de lata onde antigamente se guardavam os brinquedos.

Em *A fábrica de nada* o enredo tem implicações simbólicas que transcendem a sua aparente simplicidade: depois do fecho de uma fábrica de cinzeiros, os operários decidem tomar conta da situação e manter a fábrica aberta para produzir "nada". Há uma crítica inequívoca aos mecanismos que regem uma sociedade de um liberalismo selvagem, cujas forças motoras assentam no dinheiro, na produção e no consumo. A sugestão burlesca da autora é um alerta, o desfecho uma solução humana de reivindicação do direito a existir mesmo sem pertencer aos mecanismos produtivos. Actores e músicos partilharam o palco dando vida a soluções inovadoras, coreografando as partituras que percorriam um vasto repertório, do samba ao flamenco, passando por apontamentos rock e *fraseggi* de natureza operática. Neste caso, importa sublinhar que, por trás da voz da autora, são perceptíveis as afinidades e cumplicidades dos mediadores do texto para português.

A voz de Miguel Castro Caldas tem um timbre muito pessoal. O autor sabe integrar-se com humildade nos colectivos teatrais, adaptando-se às exigências da cena e dos encenadores, contribuindo para a criação de espectáculos que fazem apelo à vivacidade, à sensibilidade e à inteligência, abrindo o palco a uma ternura consoladora, a um sentimento poético discreto, a um sentido de humor subtil e a uma leveza irónica no tratamento de temas ligados à existência. Detecta-se, aliás, aquela leveza por vezes em estado de graça de que falava Italo Calvino numa das suas *Lições americanas*, também conhecidas como *Seis propostas para o novo milénio*. Ou seja, uma leveza irónica que bem se integra num teatro do paradoxo.

Referências bibliográficas

CALDAS, Miguel Castro (2002), *Queres crescer e depois não cabes na banheira*, Porto, Âmbar.
– – (2004), *As sete ilhas de Lisboa*, Porto, Âmbar.
– – (2005), *O homem do pé direito e O homem da picareta*, Lisboa, Cotovia & Artistas Unidos, Livrinhos de teatro.
– – (2005), *Nunca-terra em vez de Peter Pan*, Lisboa, Primeiros sintomas.
CALVINO, Italo (1993), *Seis propostas para o novo milénio: lições americanas* (1985), trad. José Colaço Barreiros, Lisboa, Teorema.

>
O homem da picareta,
de Miguel Castro Caldas,
enc. Bruno Bravo,
Primeiros Sintomas,
2004 (Peter Michael
e Raquel Dias),
fot. Bruno Bravo.